

USO DO ESPAÇO ESCOLAR COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Glaucia Suênia Moreira Tavares¹
Aldo Gonçalves de Oliveira²

RESUMO

O presente texto tem como principal enfoque a compreensão potencial do espaço escolar fora da sala de aula para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem sobre conceitos articulados ao espaço vivido dos alunos em turmas do 6º ano da E.M.E.I.E.F. Cecília Estolano Meireles, localizada no loteamento de casas populares na cidade de Cajazeiras, município situado na região semiárida do estado da Paraíba, observando-se a partir das discussões e práticas docentes proporcionadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID – Subprojeto: Geografia-Cajazeiras), no qual o espaço da sala de aula limita a compreensão de conceitos abstratos e de diferentes escalas como as dinâmicas do planeta Terra e a compreensão da orientação cartográfica onde o aluno é o referencial. Pensando neste desafio de realizar uma prática pedagógica com os alunos para uma interpretação dos conteúdos na realidade, os procedimentos metodológicos para realizar desde a proposta e planejamento até a execução e a reflexão recebida após a experiência foram desenvolvidos através da análise do entorno escolar pelo docente e de bases bibliográficas voltadas a metodologias de ensino na área de Geografia e da cartografia escolar. As atividades foram praticadas com os alunos no próprio pátio da escola, que possibilitou acionar procedimentos de orientação solar em diálogo com conteúdos como os pontos cardeais e colaterais na orientação cartográfica e o fenômeno do movimento aparente do sol causado pelo movimento de rotação da Terra. Verificou-se o aproveitamento e um envolvimento dos alunos na atividade, revelando a importância da espacialização do entorno escolar e a completa ciência da diversidade dos alunos pelo docente na identificação de potencialidades de uso dessa abordagem como ferramenta metodológica no ensino-aprendizagem para entendimento prático dos conceitos e linguagens discutidos em teoria na sala de aula, estimulando na interpretação autônoma do espaço vivido através da própria realidade e percepção.

Palavras-chave: Geografia, Geografia escolar, Prática docente, iniciação à docência, PIBID.

ABSTRACT

The main focus of this text is the potential understanding of the school space outside the classroom to aid the teaching-learning process on concepts linked to the students' lived space in 6th grade classes at E.M.E.I.E.F. Cecília Estolano Meireles, located in the neighborhood of casas populares in the city of Cajazeiras, a municipality located in the semiarid region of the state of Paraíba, taking into account the discussions and teaching practices provided by the Institutional Teaching Initiation Scholarship Program (PIBID – Subproject: Geography-Cajazeiras), which the classroom space limits the understanding of abstract concepts and different scales such as the dynamics of planet Earth and the cartographic perception of orientation where the student is the reference. Thinking about this challenge of carrying out a pedagogical practice with students to interpret the content in reality, the methodological procedures to carry out everything from proposal and planning to execution and the reflection received after the experience were developed through the analysis of the school environment by the teacher and of bibliographical bases focused on teaching methodologies in the area of

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal De Campina Grande – UFCG, glaucia.suenia@outlook.com.br;

² Professor Associado da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, aldogeografia@gmail.com.

Geography and school cartography. The activities were practiced with the students in the school yard, which made it possible to activate solar orientation procedures in dialogue with content such as cardinal and collateral points in cartographic orientation and the phenomenon of the apparent movement of the sun caused by the Earth's rotation movement. The students' enjoyment and involvement in the activity was verified, revealing the importance of the spatialization of the school environment and the complete awareness of the students' diversity by the teacher in identifying the potential for using this approach as a methodological tool in teaching-learning for practical understanding of the concepts and languages discussed in theory in class, encouraging autonomous interpretation of the lived space through one's own reality and perception.

Palavras-chave: Geography, Geography Education, Teaching practices, Initiation to Teaching, PIBID.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, os estudos referentes às práticas docentes implicam não somente de que conhecimentos são dialogados em sala de aula com os educandos, mas relatam o nível de importância quanto à forma que estes conhecimentos estão sendo realizados pelos docentes, sobretudo na educação geográfica, que abarca em seus conhecimentos diferentes linguagens e conceitos que representem o espaço geográfico, envolvendo o ser humano e suas transformações e impactos com o meio neste espaço.

É neste contexto que o presente artigo busca destacar as potencialidades existentes no próprio espaço escolar como uma ferramenta didática no uso de metodologia ativa para práticas fora da sala de aula que articulam com os conhecimentos dialogados e conteúdos propostos em teoria com os alunos, aproximando-os e tornando-os participantes e sujeitos do espaço vivido com os próprios elementos culturais e naturais disponibilizados no determinado espaço e auxiliando no processo de ensino-aprendizagem das teorias discutidas em aula, realizando uma investigação do entorno escolar, adaptando o planejamento das aulas propostas em consonância com as temáticas que foram desenvolvidas com os alunos.

A realização destas práticas e relatos de experiência foi fruto de discussões feitas junto com outros estudantes e docentes do curso de graduação de licenciatura em Geografia a partir do PIBID³, pelo subprojeto de Geografia – Cajazeiras, este, pertencente ao Centro de

³ O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação e tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira. São objetivos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência: (I) Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; (II) Contribuir para a valorização do magistério; (III) Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica; (IV) Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; (V) Incentivar escolas públicas de

Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, no qual viabiliza uma discussão das práticas de ensino em Geografia nas instituições do ensino básico e a forma em que esta vem sendo articulada em sala de aula e que meios permitem a construção do conhecimento com os educandos e como este educando permite participar e sentir-se sujeito na ciência geográfica.

As práticas foram realizadas na Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Cecília Estolano Meireles, que está localizada no loteamento de casas populares na cidade de Cajazeiras, município situado no semiárido paraibano a 480 km de distância da capital (João Pessoa – PB), no qual os alunos são pertencentes às turmas do 6º ano “A” e “B” do ensino fundamental regular dos anos finais, em consonância com os conteúdos que são aplicados para esta série, propostos pela Base Nacional Comum Curricular e o ensino da disciplina de Geografia para os anos finais do ensino fundamental para o 6º ano, nas quais são a Orientação e Localização no Espaço Geográfico e suas bases cartográficas e as Características do Planeta Terra – O movimento de Rotação e Translação e suas influências no cotidiano. Neste pretexto da segunda temática, a cartografia será abordada na metodologia como linguagem e seu múltiplo uso para outros conhecimentos da área da Geografia que utilizem este referencial.

Para o desenvolvimento das atividades, as práticas foram realizadas com prévio diálogo nos encontros do subprojeto com os docentes e colegas do programa e estudo em campo realizado pela equipe no espaço escolar através da construção de um diagnóstico da realidade escolar, tendo por finalidade a descrição e pesquisa de aspectos importantes do espaço escolar, a sua comunidade, onde esta se insere e os aspectos e contextos sociais, culturais, históricos e geográficos em relação à instituição e a educação municipal de Cajazeiras.

A presente pesquisa e prática não foram feitos somente por meio de diálogos e investigações, mas acompanhados por uma base bibliográfica pertencente à área de educação sobre as metodologias ativas e ferramentas didáticas e da área da educação geográfica e ensino, estas principalmente voltadas à educação cartográfica e a didática de seus elementos do ensino fundamental e médio, além de artigos complementares sobre a história da ciência sobre a evolução do pensamento científico nas concepções que temos hoje sobre as dinâmicas físico-naturais do planeta Terra, que promoveram reflexões e diálogos com os alunos por

educação básica, mobilizando seus professores como coformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; (VI) Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. (BRASIL, 2022).

meio da parte teórica como sinalização prévia para a ação prática, no qual foi realizada no próprio pátio das dependências escolares, que disponibilizava dos recursos espaciais para auxiliar na discussão da teoria em relação à aplicação dela no plano real pelos próprios educandos.

METODOLOGIA

As atividades foram realizadas em quatro momentos-chave: (I) a investigação e análise do entorno escolar pelo subprojeto; (II) a discussão teórica e base bibliográfica em meio ao planejamento das atividades; (III) a aplicação teórica em diálogo com os alunos sobre os assuntos – (a) os pontos cardeais e a orientação pelo sol e (b) as características do planeta Terra no Universo e por fim (IV) a realização das atividades práticas fora da sala de aula no próprio pátio – os pontos cardeais/colaterais/subcolaterais através da orientação solar e o fenômeno do movimento aparente do sol realizado pelo movimento de rotação e translação da Terra usando a linguagem cartográfica.

Em primeiro momento, a equipe pertencente ao subprojeto de Geografia-Cajazeiras do PIBID do ano de 2022-2024 fez uma investigação do entorno escolar do núcleo pertencente por meio da roteirização de um documento intitulado “Diagnóstico de Realidade Escolar”, na qual pesquisariamos em campo sobre as características materiais e imateriais em relação à instituição de ensino básico que seria realizado as atividades do programa, para usarmos como uma base nas futuras práticas a serem desenvolvidas para o núcleo escolar.

Em segundo momento, realizamos o aprofundamento temático, teórico e metodológico sobre a cartografia escolar e a história da ciência, da evolução do pensamento científico e as características do planeta Terra em diferentes escalas, desde suas dinâmicas no sistema solar, a sua superfície e seu interior terrestre, na qual se priorizavam as contribuições destas para a consideração da ciência e do pensamento geográfico e suas linguagens, seja na sua aplicabilidade em diferentes faixas etárias e etapas do ensino de geografia, seja levando em consideração o público alvo o 6º ano e de suas diversidades – físicas, morais, culturais, econômicas e cognitivas, tudo isso levando em consideração constantes diálogos e reflexões sobre a formação docente e suas contribuições em sala de aula para o ensino de Geografia, realizados em constantes reuniões em grupo do subprojeto do PIBID mediados pelo Coordenador e Supervisor de Área.

Em terceiro momento, na sala de aula, aplicou-se a discussão teórica dos referentes assuntos – em primeiro lugar, a orientação e localização no espaço geográfico e,

posteriormente a introdução às características do planeta Terra e seus movimentos (o movimento de rotação e de translação dos planetas), para assim, discutir sobre o fenômeno do movimento aparente do sol, que só terá menos limitações de ter menos abstração do conceito entre os educandos se todas as demais temáticas foram dialogadas em sala de aula, por meio de mapas, imagens impressas, diálogos com a sala em forma de círculo e a construção simultânea de mapas mentais na lousa, na qual os conceitos-chave e suas temáticas são preenchidas no decorrer da aula.

Por fim, foram realizadas as práticas fora da sala de aula, no próprio pátio escolar, pois, durante a pesquisa em campo da área escolar, evidenciamos que era um espaço de atividades que não era coberto e que tinha disposição da luz solar, assim, as práticas referentes à orientação no espaço geográfico foram feitas com o próprio aluno como ponto de referência em relação ao Sol, pois era o período da manhã e ainda estava no sentido Leste. Assim, o aluno realizava as direções dos pontos cardeais (Norte, Sul, Leste e Oeste) e colaterais (Nordeste, Noroeste, Sudoeste e Sudeste), assim, facilitando o entendimento dos sentidos de referência e suas devidas posições. Uma segunda prática foi realizada nos momentos sobre as características da Terra e no momento sobre o fenômeno aparente do sol, o assunto teve por base o principal questionamento: “se é a Terra que gira em torno do sol, por que para gente é o sol que está se movendo, ao nascer e ao entardecer?”, respondendo o questionamento, os alunos foram encaminhados para o pátio e novamente como próprios referenciais, observaram como funciona o movimento de rotação e como é a sua influência neste fenômeno na realidade, usando a linguagem dos pontos cardeais, praticados nas aulas anteriores.

REFERENCIAL TEÓRICO

O componente curricular da Geografia⁴ insere-se no dia-a-dia do aluno e em sua realidade, o que se inclui o espaço da escola enquanto esta constitui a peculiaridade da formação básica cidadã. É através do ensino da Geografia em diálogo com as diversas situações escolares e interdisciplinidades que promovem o desenvolvimento intelectual do aluno, permitindo a perspectiva de análise da ciência geográfica em entender a realidade em que se vive através dos conteúdos e conceitos geográficos (estas sendo ferramentas de

⁴ Para fazer a leitura do mundo em que vivem com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. [...] Essa interação visa à resolução de problemas que envolvem mudanças de escala, orientação e direção de objetos localizados na superfície terrestre, efeitos de distância, relações hierárquicas, tendências à centralização e à dispersão, efeitos da proximidade e vizinhança etc. (BRASIL, 2018).

investigação) que são materializados no espaço geográfico, tal qual abordado por CAVALCANTI (2013).

A educação cartográfica constitui-se como um dos principais pilares da educação geográfica e permite o aluno que não somente aprenda a ler e produzir mapas, mas que tenha a percepção crítica através dos recursos que a linguagem e a reprodução cartográfica oferecem através do domínio espacial, ao observar e compreender as dinâmicas geográficas pertencentes a um determinado recorte do espaço e tempo, associando com as transformações feitas entre o ser humano e o meio observado, seja no meio onde vive ou em outras localidades (SIMIELLI, 2003).

Contudo, um dos primeiros passos requer a necessidade de que o aluno tenha autonomia dos elementos básicos da Cartografia para adquirir a capacidade de ler um mapa e trabalhar com a análise e correlação dos elementos apresentados nas representações cartográficas, reconhecido por SIMIELLI (2003) como a “aquisição simples”, que se torna base para os múltiplos usos das representações cartográficas. Por isso é fundamental o docente compreender esta prioridade de introduzir no 6º ano para o desenvolvimento destas aquisições, frisado pelos autores CIOLA & AGUIAR (s.d.):

“Constata-se que grande parte dos alunos tem dificuldades para se orientarem no espaço onde vivem. Percebe-se também, desconhecimento em sua formação nas séries iniciais, de informações indispensáveis para a compreensão de alguns conceitos bem como sua importância na vida. Se as crianças logo nos primeiros anos escolares, iniciarem um processo de aprendizagem que leve em consideração a alfabetização cartográfica: visão bidimensional, tridimensional, alfabeto cartográfico, visão oblíqua, visão vertical, ter-se-á iniciado a sistematização para aprender a ler o Espaço Geográfico.” (CIOLA & AGUIAR, s.d.).

Entre os conceitos indispensáveis durante o desenvolvimento da capacidade de compreensão espacial do aluno quanto à orientação pelo espaço geográfico, está à alfabetização cartográfica, a aplicação dos pontos cardeais e as coordenadas geográficas, o que a tornam fundamentais para o entendimento de outros conceitos pertencentes à localização do espaço geográfico, que estão interligados a estes usos – como a latitude, longitude, as coordenadas geográficas (CIOLA & AGUIAR, s.d.), por isso requer o cuidado na maneira em que os conteúdos referentes à orientação serão articulados pelo docente, o que inclui a metodologia.

Assim, buscando proporcionar a aprendizagem cartográfica de forma prazerosa e ativa em conjunto dos educandos, o uso de metodologias ativas, nos quais são “uma concepção educativa que estimulam processos de ensino-aprendizagem críticos e reflexivos, no qual o

educando participa e se compromete com seu aprendizado” (BELLAVÉR, 2019), possibilitam usar de espaços além da sala de aula como uma ferramenta didática que auxilia ao decorrer do diálogo dos conceitos apresentados teoricamente para a prática com os educandos.

Entendendo a importância da introdução da linguagem cartográfica como base para os múltiplos usos das representações cartográficas, damos o enfoque de prioridade desta introdução no 6º ano, na qual esta proporciona o entendimento de outros conceitos abstratos, como o caso do movimento aparente do sol, fenômeno este causado pelo movimento de rotação da Terra que gira de sentido oeste para leste, confirmando a teoria do heliocentrismo, em diálogo com as influências do movimento de translação e rotação da Terra no sistema solar (CARVALHO & NASCIMENTO, 2019).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Houve uma participação favorável dos alunos nas atividades e com o processo no ensino-aprendizagem no entendimento prático dos conceitos e linguagens discutidos em teoria na sala de aula e realizando interligações. As atividades foram recebidas com entusiasmo e os educandos anseiam por mais práticas semelhantes às realizadas.

O uso do espaço escolar, como o pátio, para demonstrar a orientação pelo sol e a compreensão dos pontos cardeais (Norte, Sul, Leste e Oeste), colaterais (Nordeste, Noroeste, Sudeste e Sudoeste) e subcolaterais (Nor-nordeste, Nor-noroeste, Sul-sudeste, Sul-sudoeste, Lés-nordeste, Lés-sudeste, Oés-sudeste, Oés-sudoeste) torna o aluno como o próprio referencial destas direções e auxilia na percepção deste ao observar o mapa e indicar as correlações de direção a partir de outros referenciais, o auxiliando em conceitos relacionados à localização do espaço geográfico e integralizando com a leitura e criação de elementos de uma representação cartográfica, o que reforça a contribuição do uso de metodologias ativas, na qual PAIVA et. al. (2016) dialogam:

Ensinar e aprender estão vinculados ontologicamente, assim, a significação do ensino depende do sentido que se dá à aprendizagem e a significação da aprendizagem depende das atividades geradas pelo ensino. Compreende-se que a aprendizagem necessita do saber reconstruído pelo próprio sujeito e não simplesmente reproduzido de modo mecânico e acrítico. (PAIVA et. al., 2016).

O aluno enquanto protagonista no processo de ensino-aprendizagem para referenciar os pontos cardeais, por intermediação do professor, o torna mais ciente das referências e linguagens postas ao letramento cartográfico e facilidade na interpretação do espaço que será

representado, ressaltado por CIOLA & AGUIAR (s.d.) nas potencialidades de se trabalhar conceitos cartográficos, como os pontos de referências, aplicando em situações “escalares” diferentes que permitem situá-los para o cotidiano dos alunos.

Neste caso relatado, além da introdução à orientação e localização no espaço geográfico, a linguagem dos referenciais da rosa dos ventos e suas direções em outras temáticas da Geografia se tornam mais entendíveis ao se falar do movimento de rotação da Terra e o fenômeno do movimento aparente do sol, do que somente indicar os sentidos esquerdo-direito e trás-frente, pois o referencial da rosa dos ventos garante uma variedade de escalas no observar do aluno ao trazer essas concepções para sua própria realidade.

Usufruir destas potencialidades reforça a importância do professor enquanto não somente sujeito da sala de aula, mas aquele que investiga a própria realidade escolar e observa possibilidades de inserir os espaços que a escola oferece para além da sala de aula que possam ser ideias a serem introduzidas em seu planejamento e metodologias de acordo com a temática a ser discutida com os alunos.

Também reforçamos o uso das diferentes linguagens que a educação geográfica oferece, como a cartográfica, interligando os conhecimentos que os alunos do 6º ano construíram ao decorrer do ano letivo e a conduzem para novas percepções de analisar o espaço onde vive com diferentes referenciais e conhecimentos específicos, indo para além do uso dos conceitos e linguagens como códigos a serem memorizados para concluírem objetivos de caráter medíveis em avaliações. Isto não se torna somente aplicado às temáticas que foram abordadas nestas experiências relatadas, como se aplica em diversas temáticas da educação geográfica ao decorrer das etapas do ensino básico, com a potencialidade de espaço, metodologias e didáticas adequadas a temática a ser abordada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo trouxe discussões em torno das potencialidades que o espaço escolar para além da sala de aula, na qual podem ser utilizadas para a realização de metodologias ativas em relação aos conhecimentos da ciência geográfica estudados em teoria com os alunos, a fim de possibilitarem a prática destes conhecimentos na qual o aluno se torna o próprio referencial e observador que concilie estas linguagens e teorias por intermédio do docente na aplicação, como os pontos de referência da rosa dos ventos e o uso destas referências como uma linguagem para interligar com assuntos de outras escalas como o movimento de rotação da Terra e o movimento aparente do sol. Estas práticas só foram

possíveis pela constante investigação em campo da realidade escolar e observação da diversidade dos alunos quanto à compreensão de conceitos abstratos ou de escalas distantes que interrelacionem com seu espaço vivido.

Portanto, revela-se a importância da investigação do docente pelo espaço escolar que o insere junto com os educandos para a identificação de potenciais ferramentas didáticas, auxiliando o pensamento geográfico do aluno com a própria realidade, estimulando na interpretação autônoma do espaço vivido através da própria percepção e, com isso, interligar com as temáticas discutidas em sala de aula por meio destas práticas. Além disso, é preciso levar em consideração a importância da pesquisa e do relato destas experiências didáticas para a realização de novos diálogos, seja no âmbito da Geografia escolar, na qual envolve suas problemáticas e desafios específicos ao longo da história da Geografia em sala de aula, como no repensar das práticas pedagógicas, assim, abrindo novos caminhos de usos e potencialidades que ainda não foram aproveitados por completo pelos educadores e educandos dentro e fora da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Portaria nº 83, de 27 de abril de 2022. **Dispõe sobre o regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID**. Diário Oficial da União, Brasília, 28 de Abril de 2022. Ed. 79, Seção 1, p. 45. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/diretoria-de-educacao-basica/28042022_Publicacao_no_DOU_1691532_PORTARIA_N_83_DE_27_DE_ABRIL_DE_2022.pdf. Acesso em 01 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BELLAYER, Emyr H. **Ferramentas para avaliação em metodologias ativas**. Caçador, Uniarp, 2019. Disponível em: <https://uniarp.edu.br/wp-content/uploads/2021/07/E-Book-Free-Access-Ferramentas-deavaliacao-de-metodologias-ativas-Prof.-Ms.-Emyr-Hiago-Bellaver.pdf>. Acesso em 01 set. 2023.

CARVALHO, Hermano R. NASCIMENTO, Lucas A. **Copérnico e a teoria heliocêntrica: contextualizando os fatos, apresentando as controvérsias e implicações para o ensino de ciências**. Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia, n. 27, p. 7-34, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.37156/RELEA/2019.27.007>. Acesso em 01 set. 2023.

CIOLA, Cerli F; AGUIAR, Waldiney G. Orientação e localização geográfica: conceitos e importância social. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2376-8.pdf>. Acesso em 01 set. 2023.

MORAIS, Ione R. D. **Diferentes linguagens no ensino de Geografia: novas possibilidades**. In: ALBUQUERQUE, Maria A. M. de, FERREIRA, Joseane A. S. (org.). Formação, Pesquisa

e Práticas Docentes: Reformas curriculares em questão. João pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 241-264.

PAIVA, Marlla R. F. et al. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa**. Revista Sanare, Sobral, v. 15, n. 2, p. 145-153, jun./dez. 2016. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/viewFile/1049/595>. Acesso em 01 set. 2023.

SIMIELLI, Maria E. R.. **Cartografia no Ensino Fundamental e Médio**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). A Geografia na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Paulo R. F. A. E . **A dialógica entre a Geografia e a Cartografia no ensino escolar**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C; TONINI, Ivane M; KAERCHER, Nestor A. (org.). Movimentos no Ensinar Geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre - Compasso Lugar-Cultura, 2013. p. 193-211.

CAVALCANTI, Lana de S. **Os conteúdos geográficos no cotidiano da escola e a meta de formação de conceitos**. In: ALBUQUERQUE, Maria A. M. de, FERREIRA, Joseane A. S. (org.). Formação, Pesquisa e Práticas Docentes: Reformas curriculares em questão. João pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 367-394.